

Espiritualidade e saúde: contribuições da filosofia da religião

HEALTH AND SPIRITUALITY/PHILOSOPHY OF RELIGION'S CONTRIBUTIONS

*Vitor Chaves de Souza**

*Blanches de Paula***

RESUMO

O artigo aproxima espiritualidade e saúde tendo na filosofia da religião um espaço para tal aproximação. Inicialmente, é feita uma introdução ao tema da saúde no campo da filosofia e teologia para, depois, pensar o desdobramento da espiritualidade nestas áreas. A partir disso recorre-se, sobretudo, ao pensamento de Paul Tillich e suas contribuições discretas ao tema da vida saudável e, principalmente, a sua interpretação da doença como a ameaça do ser. Ao final, a despeito da realização de si-próprio pela cura do ser, há aspectos ambíguos da relação entre saúde e sociedade tematizados para pensar um horizonte para ua ideal de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Espiritualidade; Saúde; Filosofia da religião; Paul Tillich.

ABSTRACT

With the instruments of philosophy, of religion, the paper approaches spirituality and health. Initially, there is an introduction to the theme of health in the field of philosophy and theology, and then, thinking about the unfolding of spirituality in these areas. Based on this, we resort, above all, to the thought of Paul Tillich and his discreet contributions to the theme of healthy life and, mainly, his interpretation of disease as the threat of being. In the end, despite the realization of oneself for the healing of the being, there are ambiguous aspects of the relationship between health and society thematized to think about an ideal of health.

KEYWORDS: Spirituality; Health; Philosophy of religion; Paul Tillich.

* Teólogo, doutor em Ciências da Religião, pós-doutor em Filosofia e docente na Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Email: vitor.chaves@metodista.br

** Teóloga, doutora em Ciências da Religião, pós doutora em Teologia e docente na Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Email: blanches.paula@metodista.br

Introdução

A relação entre filosofia e saúde é tão antiga quanto a própria filosofia. Na Grécia antiga, Hipócrates, chamado por alguns como o “pai da medicina”, incomodou-se com as descrições míticas e poéticas a respeito da organização da vida, sobretudo a vida interior. Diferentemente da filosofia pública grega e seus desdobramentos na política e na moral, Hipócrates conferiu importância ao organismo humano e sua relação com o pensamento estável e salutar (KENNY, 2008, p. 67). Trata-se da primeira aproximação entre filosofia e medicina ecoando na autonomia da segunda disciplina ao longo de sua história. Hoje, a filosofia e a medicina estão cada uma consolidada e independente em sua área de conhecimento – e a contribuição deste artigo é pensar uma reaproximação possível. A relação entre filosofia e espiritualidade, por sua vez, também é tão antiga quanto a própria filosofia. A filosofia nasce entrelaçada ao pensamento mítico e motivos religiosos. O próprio Pitágoras (cf. BORNHEIM, 2000, p. 48), em sua escola em Crotona, sustentava suas ideias mais em credos religiosos do que discursos filosóficos. Sem a pretensão de adentrar nos detalhes e embates acerca da religião e da filosofia no mundo antigo – afinal, a história da filosofia clássica é, a rigor, a evolução deste processo longo e complicado da distinção entre o pensamento mítico e o pensamento lógico – ilustramos o quão antigo é o diálogo entre filosofia e espiritualidade, atravessando os séculos e os períodos do pensamento: na Idade Média, espiritualidade como a boa prática religiosa; na Filosofia Moderna, espiritualidade como meditações acerca da racionalidade do divino; na Filosofia

Contemporânea, espiritualidade como a não redução do intelecto ao meramente psíquico ou quimicamente cerebral.

No começo do século XX algumas correntes filosóficas ganhavam destaque no meio acadêmico, como a Filosofia da Vida e a Teoria do Valor. Ambas as correntes estão originalmente vinculadas à própria história do existencialismo – e, por isso, a abordagem deste artigo voltar-se-á constantemente às questões da existência como fundamento para uma contribuição da filosofia da religião ao tema da espiritualidade e saúde. A primeira corrente, a Filosofia da Vida (al. *Lebensphilosophie*), embora corrente autônoma, sua fonte no existencialismo e, sobretudo, em Friedrich Nietzsche (como também em Schelling e Schopenhauer), criticam a história da filosofia tendo como absoluto a prioridade do conceito de vida para o filosofar. A filosofia da vida, segundo Gaiger, era uma “filosofia que pergunta pelo significado, valor e propósito da vida” (1998, p. 487). Assim sendo, a vida apresenta-se como o princípio inegociável a toda e qualquer atividade fundamentalmente filosófica. Nietzsche, até então, foi quem empregou críticas à cultura tomando uma espécie de antítese normativa para pensar a vida em todas as suas instâncias e determinações; isso significa: incluir no pensamento filosófico outros aspectos não acolhidos pela racionalidade tal como o corpo, as sensações, a arte e, principalmente, todo dinamismo que advém da vida. Se por um lado, para Nietzsche, o estatismo seria como a morte, por outro lado a vida estaria ao lado do dinamismo: uma filosofia dinâmica, ao mesmo tempo, potente para interpretar o aspecto irracional e as ambiguidades da existência. Deixando

de lado a discussão metafísica pertinente a este período da história da filosofia, interessa-nos saber que a filosofia da vida permitiu ao cenário filosófico europeu pensar a existência humana em sua unicidade vital, sua força vital como o critério normativo inicial e final para os juízos e valores sociais. Eis, então, um começo de valoração da vida diante da morte, da saúde diante da doença, do sadio como aquilo que promove o bem viver opondo-se à enfermidade, como aquilo que diminui toda a potência vital. Não por acaso este período é histórica e filosoficamente importante, pois, a partir dele, o mundo contemporâneo dedicou filosoficamente, com desdobramentos nas ciências naturais, novas perspectivas acerca da saúde e da espiritualidade.

Igualmente – em momento correlato – a Teoria dos Valores também participa do mesmo período e dos mesmos interesses. Também inspirado por Nietzsche, sobretudo a respeito do niilismo, mas fundados na crítica aos valores de Kant e Hegel, a teoria dos valores assume para si a decadência dos valores, ou seja, a identificação, de certo modo, de um valor a uma verdade. O que isso tem a ver com a saúde? Uma sociedade pautada por valores inquestionáveis, assumidos como aspectos verdadeiros, tende a sofrer pelo próprio moralismo. Os valores em questão são desde os monetários das mercadorias até os valores culturais ou religiosos que organizam e regulam as relações sociais para além da própria economia. Faz-se urgente – como fizeram Wilhelm Windelband e Heinrich Rickert, expoentes da Teoria dos Valores – uma interpretação da moral e uma crítica aos valores para que o ser se manifeste. Aqui, interessa-nos o

apelo à transvaloração como uma possibilidade de renovação da cultura, dos costumes e da vida, situando os valores individuais e coletivos em bases sólidas de reflexão e ação. Tanto a Filosofia da Vida quanto a Teoria dos Valores ajudam a entender a nova etapa da filosofia, denominada por Filosofia Contemporânea, e sua importância para aproximarmos filosofia, espiritualidade e saúde.

Além dos nomes mencionados, é possível lembrar de Karl Jaspers – filósofo definido por Sartre, em *O Existencialismo é um Humanismo*, como um existencialista cristão – e sua preocupação com os sofrimentos da alma. Também Carl Rogers – psicólogo comprometido com a Abordagem Centrada na Pessoa – era ele também bastante religioso. Por fim, Paul Tillich – filósofo e teólogo luterano, nosso referencial teórico sugerido como contribuição da filosofia da religião para o encontro da filosofia e espiritualidade (e vale ressaltar aqui que nos referimos à filosofia da religião como uma área de interesse da filosofia muito mais do que uma área rígida de articulação, fundamentação e estrutura) – cujas reflexões passaram por temas da saúde. Assim sendo, é importante partirmos do recorte da Contemporaneidade.

1. Uma área em constante cura

Interessante notar o caráter provisório de toda reflexão acerca da saúde cuja motivação de pensamento esteja enraizada na filosofia. A provisoriedade das questões não denota imprecisão tampouco superficialidade. Faz-se notar a latência de uma área em constante contato com o

diferente – desde a enfermidade, como desafio de reflexão sobre o que é ser saudável, até os métodos e ideias que se diferem nos interesses e abordagens elementares.

A título de exemplo, alguns autores que têm trabalhado com o tema da espiritualidade e saúde, como Mary Esperandio, Alexander Moreira-Almeida, James Farris, José Giovanetti, Ênio Brito, Edênio Valle entre outros, destacam-se, em alguma medida, cada um segundo a sua especificidade, pela contribuição da subjetividade no processo de constituições saudáveis em diálogo com a espiritualidade. Destacamos, também, a título de ilustração, algumas produções feitas na área da espiritualidade, tais como a *Revista Pistis e Praxis*, que publicou um dossiê, em 2014, chamado “subjetividade, espiritualidade e saúde”, bem como o livro *Religião, espiritualidade e saúde: os sentidos do viver e morrer*, organizado por Carolina Teles Lemos e por José Reinaldo F. Martins Filho, publicado pela editora Senso. Há diversos outros nomes e obras. Ainda assim, o objetivo deste artigo é, antes de introduzir a área da espiritualidade e saúde, tematizar uma possível contribuição da área da filosofia da religião para o tema. Assim sendo, cientes da fortuna crítica da área, propomos, inicialmente, a distinção entre religião, religiosidade e espiritualidade como – motivados pela suspensão fenomenológica – primeira aproximação ao tema.

A distinção entre religião, religiosidade e espiritualidade é, evidentemente, acompanhada pelo nosso recorte intencional para um diálogo específico da área com a filosofia da religião. Religião, cf. etimologias consagradas, pode significar basicamente duas instâncias: “religação” (It.

religare) ou “releitura” (lt. *relegere*). Evidentemente há implicações tanto históricas quanto reflexivas para ambas as conceituações, além de características institucionalizadoras (a religião a serviço de uma instituição vigente). Faz-se importante ressaltar a proximidade do conceito com uma determinada religião confessional e prática para os adeptos de tal religião. Por conta da carga histórica, social e teológica da expressão, podemos pensar em religiosidade. A religiosidade, por característica própria do sufixo “-dade”, parece resgatar a religião para um outro substantivo desprendido de uma confessionalidade específica. Mesmo assim, segundo Giovanetti, a religiosidade “implica a relação do ser humano com um ser transcendente” (2005, p. 136). A esse respeito aproximam-se teóricos da filosofia e da saúde, uma vez que a expressão se refere às variadas determinações que envolvem a vida religiosa. Por fim, a espiritualidade. A expressão vem do termo latino *spiritualis* e corresponde ao grego *pneumáticos*. Das três palavras, espiritualidade é, no nível semântico, a que mais se desloca da instituição exterior e se aproxima das instituições individuais interiores. Desloca-se tanto que, para Giovanetti, a espiritualidade “não implica nenhuma ligação com uma realidade superior” (2005, p. 136). Entretanto, implicaria numa relação necessariamente interior consigo próprio. E boa parte desta relação interior, a despeito da cultura ou da confessionalidade vigente, recai de volta na própria religião. Não por acaso o uso atual do termo espiritualidade remonta ao francês *spiritualité*, usado por ordens religiosas católicas, desde o século XVII, como a comunhão com Deus e a prática correta da fé. A espiritualidade é constantemente atraída pelas

confessionalidades uma vez que a própria espiritualidade é, então, manifestada como a constituição ontológica do ser humano. A espiritualidade abrange fé, ritos e vivência cotidiana. Inclui, também, as variadas determinações da vida individual, como a família, a comunidade religiosa, a vida social e política (BUTZKE, 2008, p. 387). A dinâmica da espiritualidade, para a aproximação com a saúde – sobretudo via reflexão filosófica existencial – extrapola e satura os sentidos interiores para além dos muros de templos. A sensação de que espiritualidade é mais abrangente que religiosidade, pois, até mesmo pela laicidade francesa, denota uma relação com o incondicional, com o transcendente, com o sagrado, a despeito de qualquer mediação institucional.

2. O lugar da teologia na saúde

Ainda assim vale notar que, historicamente, para a teologia o termo é caro na medida em que o espírito e, conseqüentemente, o espiritual, refere-se à inspiração, criação e determinações do Espírito de Deus. O ser humano em sua condição de *ser espiritual (homo spiritualis)* possibilita uma abertura até então limitada por estudos da dogmática. Ênio Brito (2009, pp. 74-75) enfatiza o caráter da experiência pessoal no processo do reconhecimento da espiritualidade. Eis, a despeito das confessionalidades, o ponto articulador, a nosso ver, para a aproximação da espiritualidade e saúde: a constituição de si pela reflexão sensibilizada pelo transcendente. A título de exemplo, o teólogo e cientista Teilhard de Chardin escreveu:

“nós não somos seres humanos com uma experiência espiritual: somos seres espirituais com uma experiência humana” (1980, p. 75). O ser humano é, ou seria, para a teologia, um ser espiritual que existe graças ao espírito (“princípio vital”, “alma”), insuflado nele pelo “sopro” (espírito, *ruah*) de Deus, que o torna um “ser vivente” (Gn 2,7) e, por isso, o ser humano é um ser qualificado como espiritual. Em direção correlata a de Teilhard de Chardin, Faustino Teixeira (2018), professor aposentado da UFJF, trabalhou a ideia de que a espiritualidade não seria algo além da esfera do humano, mas algo imanente, intrínseco à profundidade da vida e da experiência humana. A espiritualidade exprime a *força de uma presença que escapa à percepção do humano* e, conseqüentemente, conduz o ser humano à busca da compreensão do sentido do que os transcende. A espiritualidade é, então, a experiência humana que possibilita a busca pelo sentido radical na realidade. Aqui a teologia ganha espaço com o cuidado pastoral. Mesmo que não versaremos sobre a poimênica, i.e., a arte de pastorear, vale lembrar que um dos lemas dos cuidados pastorais é curar, sustentar e orientar. Howard Clinebell e Henry Nouwen trabalharam sensibilizados pela noção de seres espirituais enquanto “seres viventes” (CLINEBELL, 1998, p. 74). A ideia de seres viventes denota, obrigatoriamente, que, em algum momento, de tais seres precisarão de cura. Assim, pensar espiritualidade e saúde, no mundo teológico, é pensar, sobretudo, em cura do corpo, cura da mente.

Existem na tradição judaico-cristã alguns princípios e práticas milenares que preservam e contribuem para o benefício da saúde do ser

humano. Isso se deve, em grande parte, às associações entre o significado bíblico-teológico do tema da *salvação* e da *saúde do ser*. Não por acaso muitos teólogos foram, também, médicos – ou se interessaram por medicina: John Wesley, o fundador do metodismo, além de pastor, escreveu uma obra de medicina popular; para ele, a cura espiritual era necessariamente acompanhada pela cura física e vice-versa. Albert Schweitzer, filósofo e teólogo luterano, expoente da pesquisa sobre Jesus histórico, um dos maiores intérpretes de Bach na Alemanha no século XX, tornou-se médico para atuar com um hospital solidário na África – tamanho o seu trabalho intelectual e prático para a saúde e espiritualidade sendo laureado, em 1952, com o Prêmio Nobel da Paz: nas palavras de Gunnar Jahn, “devido a divulgação da reverência à vida, encontrando a fundação de uma paz contínua entre indivíduos, nações e raças” (1952).

Muitos filósofos que trataram do tema da saúde eram também teólogos. E aqueles que não eram teólogos tinham alguma aproximação com a religião ou a espiritualidade. De modo geral, os pensadores, principalmente aqueles com fundo religioso, aproximam a saúde com a salvação. Eis uma contribuição de vocação dupla, tanto da filosofia quanto da teologia, para a saúde e a espiritualidade. Correlacionar saúde com salvação é um desdobramento em nosso horizonte – sobretudo em Paul Tillich, como veremos a seguir. A cura, inicialmente, é da medicina; entretanto, a cura será também o poder de superar as distorções, as ambiguidades e a negação do ser. Para a teologia, o ser precisa ser tomado por aquilo que o toca incondicionalmente; precisaria ser tomado pelo transcendente, pelo fun-

damento de nosso ser e sentido. E mesmo que o espírito, tanto para quem crê ou não em uma forma de transcendência, não atue diretamente sobre a vida nos domínios orgânicos e psíquicos, essa sensação de incondicionalidade, que movimenta, neste caso, a expectativa de cura para as direções possíveis de saúde, possibilita, agora, para nós, a própria condição de um pensamento filosófico existencial a respeito da condição da cura do ser.

3. Contribuições da filosofia da religião para a espiritualidade e saúde

Pensar a contribuição da filosofia da religião como um todo para a intersecção entre espiritualidade e saúde seria ingenuidade. Conforme traçamos em nossa pesquisa, o nosso recorte inicial é, antes de tudo, existencial: isto é, parte do princípio da existência enquanto o denominador decisivo para a relação humana com o transcendente, considerando ou não os desdobramentos com outras vertentes filosóficas. Tendo em boa parte da história da filosofia, principalmente aquela que deu certa atenção para as relações entre filosofia e saúde e filosofia e espiritualidade, recorreremos, agora, ao teólogo e filósofo Paul Tillich a fim de nos aprofundarmos em nosso recorte tão peculiar.

Antes, um esclarecimento metodológico: esta investigação tem intenções epistemológicas. Não pretendemos oferecer um guia de como relacionar com o tema da espiritualidade na saúde, nem analisar um caso específico, por exemplo, “saúde e espiritualidade na pandemia”. Muitos outros fazem isso melhor do que nós. Pretendemos, isso sim, interpretar a

apropriação filosófica do cruzamento entre espiritualidade e saúde com o aporte reflexivo de Paul Tillich. E, para esse cruzamento, recorreremos aos textos do Etienne Alfred Higuét, o mais expressivo especialista em Tillich em atividade no Brasil, líder do grupo de pesquisa Tillich e presidente da Associação Paul Tillich do Brasil. O tema não é atual: em 1998, na Universidade Metodista de São Paulo, o *V Seminário em diálogo com o pensamento de Paul Tillich*, sobre o tema *Psicologia, saúde e religião*, já tratou do assunto epistemologicamente, recorrendo aos textos tanto traduzidos quanto os inéditos do autor.

Paul Tillich foi um filósofo alemão também muito conhecido por trabalhar com a teologia. Nasceu em 1886 e faleceu em 1965. Portanto, Tillich vivenciou boa parte dos avanços e diálogos sobre a saúde – aqueles iniciados pela Teoria do Valor e Filosofia da Vida. Para pensarmos a saúde, a espiritualidade e a filosofia, recorreremos, quanto à fundamentação teórica, à obra *A coragem de ser*, de Tillich, e, quanto à temática acerca da saúde, os seus escritos “The relation of religion and health”, de 1946, e “The meaning of health”, de 1961, por via das pesquisas de Etienne Higuét, como

“Saúde, cura e salvação no pensamento de Paul Tillich” e, sobretudo, a sua mais recente pesquisa “Saúde, doença e cura no pensamento de Paul Tillich: reflexões teológicas e pastorais”. Inicialmente, no livro *A coragem de ser*, o autor apresenta a coragem como um passo não só para a realização do ser da pessoa a despeito das ameaças do não ser, como também a coragem necessária para o processo de cura e de saúde (TILLI-

CH, 1970, p. 134). Em outras palavras, a doença é a ameaça material do não ser. A questão de Parmênides, na filosofia grega, sobre a estabilidade do ser diante da instabilidade da vida é retomada por Tillich como uma forma de se pensar a doença – a doença do ser. O não-ser, isto é, tudo o que ameaça o ser, pode ser materializado na doença. Uma pessoa doente é alguém ameaçada pelo não ser (HIGUET, 2014, p. 175). Evidentemente suspendemos as discussões milenares a natureza do não ser; entretanto, a contribuição de Tillich para a aproximação entre espiritualidade e saúde via filosofia da religião se dá na interpretação do não ser como a própria doença.

Paul Tillich trabalha, de maneira geral, uma noção de saúde em sua obra *Teologia Sistemática* ao tratar, principalmente, da ambiguidade da existência humana manifestada pela constante busca pela estabilidade da existência como um todo. Segundo Etienne Higuét, para Tillich, “a saúde não pertence à natureza humana, nem como parte nem como função do ser humano, e só faz sentido em confronto com seu oposto: a doença” (HIGUET, 2014, p. 169). Por isso que, no início de nosso artigo e ao longo dele, afirmamos e reafirmamos a opção ao existencialismo (ou filosofia da existência) como entrada ao tema: afinal, para Tillich, saúde e doença enquadram-se como conceitos existenciais. Uma vez tematizados na existência, a compreensão da saúde se dá por uma corrente filosófica que coloca em primeiro lugar o problema da existência humana e todas as suas ramificações. Neste sentido, propomos pensar a saúde como a *atualização das potencialidades do ser*. Trata-se, a rigor, de uma das formas de pensar-

mos a saúde filosoficamente. Um desdobramento deste preceito significaria ver na saúde uma função daquilo que Tillich chamou de autointegração (cf. TILLICH, 2005, p. 497). O que significa isso? Apenas o ser humano é um ser capaz de uma interioridade igualmente centrada e estável. Assim sendo, pela linguagem e as sensações lidadas narrativamente, o ser humano pode centrar-se e possibilitar outros centramentos – como a busca por uma resposta ameaçadora do ser. O ser humano, pela reflexão, volta-se à uma transcendência própria de sua natureza sedenta por centro e equilíbrio. Segundo Tillich, o ser humano “pode participar do universo em todas as suas dimensões e atrair elementos dele para dentro de si mesmo. Por isso, o processo de autointegração se move entre o centro e a multiplicidade que é integrada neste centro” (TILLICH, 2005, p. 495). A autointegração, portanto, é um indício da possibilidade, mesmo que filosoficamente, de cura. Com isso, podemos inferir que a vida humana, como um todo, se manifesta e se torna característica por um movimento circular – como o Eterno Retorno de Nietzsche: um movimento de saída do ser, existente, *existir*, estar fora de si para voltar a si mesmo. Tal circularidade é a própria condição humana em sua potência e exteriorização e interiorização, levando o ser à instabilidade tanto criativa (autointegração) quanto existencial (autoidentidade). Tillich alerta, a este respeito, sobre o perigo da perda da identidade – e, conseqüentemente, da saúde – pela incapacidade de lidar com as ambiguidades da vida. Eis a origem da neurose (tema de interesse em sua época) quando a pessoa não consegue lidar com as suas ambiguidades no processo de formação de sua identidade. Segundo Tillich,

“podemos entender muitas doenças, especialmente as infecciosas, como a incapacidade de um organismo retornar à sua autoidentidade” (2005, p. 497). Para ele, a doença é uma espécie de *autorrestrrição da totalidade centrada*; em outras palavras, a passividade diante das ameaças do ser. Portanto, outro nome para a doença, pelo menos um nome filosófico, seria a desintegração do ser (Tillich, 2005, p. 497).

Evidentemente Tillich reflete a partir de uma perspectiva filosófica. Mais ainda: existencial. Ele não pensa, por exemplo, a respeito de quem estaria com uma contaminação como o Covid: quem precisa de profundas intervenções médicas e medicinais. Tillich pensa sobre uma doença abstrata e geral, existencialmente, como se ela fosse um sintoma da *ambiguidade universal da vida* (HIGUET, 2014, p. 170). Há um aspecto geral em todos os seres humanos, justamente por conta da condição instável e criativa da presença, em depender da autoafirmação e da criatividade de cada sujeito para a integração de sua vida. Para Tillich, o ser encontra-se ameaçado – e, conseqüentemente, doente – na medida em que a vida é assumida como uma manifestação única de um único modo de ser. Faz-se necessário incluir a ambiguidade na existência própria a fim de suportar a pluralidade de possibilidades existenciais. Ora, não é esta a característica da doença ela mesma? Uma pessoa doente não é apenas um corpo doente: a doença (a ameaça do ser pelo não ser) atravessa todas as instâncias humanas, desde o corpo até a mente e o espírito. Nesta altura poderíamos perguntar: a cura do sintoma ou a cura do ser? Em nosso horizonte, aberto por Tillich, a cura do sintoma nada mais seria, com o auxílio da medicina,

do que o desespero de nossa época, enquanto a cura do ser, com a sensibilidade espiritual, poderia incluir todas as instâncias no próprio ser – de modo até que se possa questionar acerca do que seja a cura.

Para efeito de nota, Tillich ainda pensa sobre a medicina psicossomática, as dimensões física, química, biológica, mental e histórica para a compreensão do sentido da saúde e da doença. Para ele, é preciso buscar, apesar da angústia e da ansiedade causada pelas questões filosóficas, um equilíbrio de todo o ser. Não basta apenas uma consciência de si (pelos processos de conhecimento filosófico e psicológico) é preciso uma *coerência de si*, isto é, a integração de todos os corpos para a realização de potências humanas. Portanto, independente de qualquer adesão religiosa ou corrente filosófica, quem integra todos os corpos para uma coerência de si potencializaria um processo do crescimento psicológico. Ao contrário disso, quem não conseguir incorporar os elementos encontrados no real, estaria numa tendência de fechamento de si, o que resulta numa saúde reduzida. É o que acontece, para ele, na neurose. O neurótico, por exemplo, precisará da ajuda do analista para libertar-se dos limites que ele mesmo colocou e para enfrentar a realidade. Afinal, segundo Higuier, “a cura é possível quando o paciente toma consciência de suas possibilidades limitadas e se acomoda com sua existência diminuta” (2014, p. 172).

4. Desdobramentos da espiritualidade na saúde pela autoafirmação do ser

Qual é, portanto, uma das formas – a forma que trabalhamos – de se pensar o tema da espiritualidade e saúde com motivações da filosofia da religião? Seguindo Tillich, pensamos na correlação entre saúde/doença e cura/salvação. Para ele, saúde e salvação são sinônimos na medida em que, a despeito da confessionalidade religiosa, orientam o ser humano à uma “unidade transcendente da vida não ambígua, na fé e no amor. No sentido mais profundo, a saúde é vida na fé e no amor” (HIGUET, 2014, p. 173). Eis o caminho aberto para uma integração autossuficiente apesar das ambiguidades do ser; em outras palavras, uma possibilidade de trabalho da cura que vai além dos muros da religião e dos hospitais. A este respeito, portanto, segundo Tillich,

nenhuma cura, nem mesmo a cura sob o impacto da Presença Espiritual, pode libertar o indivíduo da necessidade da morte. Por isso, a questão da cura, e isso inclui a questão da salvação, vai além da cura do indivíduo e se estende até a cura através da história e para além da história; ela nos conduz à questão da Vida Eterna tal como é simbolizada pelo Reino de Deus (2005, p. 720).

A metáfora da salvação não é exclusiva da religião. Seward Hiltner, em sua obra *Prefácio para uma Teologia Pastoral*, alerta que o médico era, também, o sacerdote nas culturas ancestrais (HILTNER, 1979, p. 39). Nesta direção, o processo de cura e saúde é maior: mesmo que a medicina proporcione a cura de um sintoma, o ser poderá ainda assim estar ferido de alguma forma; por outro lado, mesmo que a medicina não cure

um determinado problema físico, a cura do ser poderá ser alcançada pela metáfora da salvação. Não pensamos necessariamente, como um imperativo, na escatologia (o estudo teológico da salvação), mas na integração do si sobre si-mesmo conforme o devir pessoal. A este devir, se incluída a busca por uma vida saudável, todas as demais faculdades humanas estarão privilegiadas por uma espécie de cura antecipada.

A frase “mente sã, corpo são”, do poeta romano Juvenal, traduz bem a incansável busca por um equilíbrio interno. Se tomarmos como exemplo o filósofo Nietzsche, este sofreu demasiadamente com a saúde, a ponto de viver seus últimos 10 anos de vida em estado praticamente vegetativo. Ainda assim, potencializou sua própria vida pela reflexão do vitalismo, filosofia da potência, *Übermensch* e o amor ao destino (*amor-fati*). Se não fosse, segundo Kaufmann, por Nietzsche, a filosofia contemporânea não teria interiorizado as noções de bem e mal, saúde e enfermidade. A busca pela saúde, com ou sem o aparato da espiritualidade, promoveu novas ciências e, ao mesmo tempo, fortaleceu diversos pensamentos filosóficos a respeito da existência. A saúde passou a ser – enquanto ainda não se torne declaradamente um direito – uma espécie de patrimônio da humanidade. Ainda assim, nem só de saúde sobrevive a própria saúde. Segundo Thomas Lemke (2010), leitor de Michel Foucault, há interesses variados a respeito da saúde pública, desde programas de prevenção à AIDS até questões gerais da saúde da população estariam recortadas não mais pela virtude do equilíbrio do ser, mas a serviço de programas políticos, os quais, muitas vezes, confluem em outros interesses que não os da

saúde individual. Trata-se da biopolítica, que, inicialmente, deveria ser a política que se ocupa com a vida, mas, no fundo da questão, há contornos contraditórios uma vez que a vida não é garantida necessariamente por políticas determinadas. Nem todos os processos de manutenção da vida seriam regulados suficientemente pelo Estado haja vista o interesse em alargamentos econômicos ou de outros fins primordiais. As necessidades da existência biológica não encontrariam equilíbrio *per se* a depender dos interesses – nem sempre vitais – de projetos políticos. Afinal, sem entrar na discussão foucaultiana específica do poder, poderia haver, para Jean-Luc Nancy, no próprio conceito da biopolítica uma dupla negação (cf. NANCY *apud* LEMKE, 2010, p. 15) justamente pelas ambiguidades de cada conceito em relação. Tal negatividade é destacada para apresentar ainda uma última consideração: a despeito de projetos de governos, a despeito dos avanços tecnológicos, a despeito da filosofia envolvida, parece-nos que a saúde encontraria na espiritualidade um último refúgio não contraditório, caso a espiritualidade não sirva a um projeto dogmático de autoridade ou poder. Nesse caso, a filosofia da religião, como pensada pelos textos de Paul Tillich, permitiria liberar a saúde de condicionamentos gerais para a celebração da vida em todo o seu potencial corajoso, ético e saudável.

Considerações finais

Neste artigo pensamos contribuições da filosofia da religião para a interseção entre espiritualidade e saúde. Soren Kierkegaard julgou saudável para a realização de seu projeto filosófico o celibato: manter sua vida privada e íntima preservada segundo a forma que julgou ser a mais apropriada. Immanuel Kant fazia caminhadas diárias para cuidar de sua saúde. Karl Jaspers escreveu um livro chamado *O médico na era da técnica e outro Psicopatologia geral* – ele tinha a saúde debilitada, desde criança, e tematizou a saúde em sua filosofia. Como vimos, as filosofias da vida e as teorias dos valores propiciaram um fundo teórico para o pensamento da saúde nas ciências humanas de modo geral. Ao percorrermos a aproximação, um recorte específico fez-se necessário: a delimitação de religião e religiosidade para, então, a espiritualidade em questão. O recorte, a nosso ver, ajudou, em diálogo com a teologia, a compreender um lugar de reflexão no encontro entre ciências humanas e ciências médicas tendo na espiritualidade o motivo do encontro. Recorremos, sobretudo, ao pensamento de Paul Tillich e suas contribuições discretas ao tema da vida saudável e, principalmente, a sua interpretação da doença como a ameaça do ser. A relação doença e cura é muito mais complexa do que uma simples relação medicinal. A cura não é simplesmente a remoção dos sintomas: a cura é um processo da existência individual para a aceitação de suas determinações e a autorrealização a despeito do medo e da morte. Se há uma possibilidade de salvação, logo, esta salvação permite um Novo

Ser. Entretanto, vale notar que, a despeito da realização de si-próprio pela cura do ser, há aspectos complicados da relação entre saúde e, principalmente, sociedade; afinal, Jean-Luc Nancy alerta, em seu horizonte crítico, a possibilidade do uso da saúde a serviço de uma indústria média alinhada a projetos biopolíticos, muitas vezes contraditórios em si mesmos. Em outras palavras, a ameaça não apenas do ser saudável pela doença, mas a ameaça da própria saúde enquanto área de atuação profissional e vocacional, uma vez que a saúde poderia estar refém de um sistema comercial ou político que privilegiasse, acima de qualquer cura ou doença, a ordem e manutenção de uma estrutural capital anterior ao valor da vida.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, N. Dicionário de Filosofia. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARMSTRONG, Philip; NANCY, Jean-Luc; SMITH, Jason E. “Politics and beyond: an interview with Jean-Luc Nancy”. *Diacritics* Vol. 43, No. 4, THE PREPOSITIONAL SENSES OF JEAN-LUC NANCY (2) (2015), pp. 90-108 (19 pages) Published By: The Johns Hopkins University Press.

BORNHEIM, Gerd A. (org.). Os Filósofos Pré-Socráticos. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

BRITO, Enio. “Espiritualidade e Religiosidade: Articulações”, In: Revista de Estudos da Religião, dezembro, 2009, pp. 68-83.

BUTZKE, P.A. “Espiritualidade”, In: Fernando Bortoletto Filho. (Org.). Dicionário Brasileiro de Teologia. 1ed.São Paulo: ASTE, 2008.

CHARDIN, Teilhard de. Mundo, Homem e Deus. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

CLINEBELL, Howard J. Aconselhamento pastoral: modelo centrado em libertação e crescimento. São Paulo/São Leopoldo: Paulus/Sinodal, 1998, p.427.

GAIGER, J. “Lebensphilosophie”, In: CRAIG, E. (ed.) The Routledge Encyclopedia of Philosophy, vol 5, Londres: Routledge, 1998.

GIOVANETTI, José Paulo. “O Sagrado na psicoterapia”, In: ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (org.) Vanguarda em Psicoterapia Fenomenológico-Existencial. São Paulo: Pioneira, 2004.

_____. “Psicologia e espiritualidade”, In: AMATUZZI, Mauro Martins (org.) Psicologia e espiritualidade. São Paulo: Paulus, 2005.

HIGUET, E. Saúde, cura e salvação no pensamento de Paul Tillich. *Estudos de Religião*, v. 13, n. 16, p. 75-85, 1999.

_____. Saúde, doença e cura no pensamento de Paul Tillich: reflexões teológicas e pastorais. *Revista Pistis Praxis*, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 167-188, set. 2014. ISSN 2175-1838. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/13070>>. Acesso em: 27 ago. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/revistapistispraxis.06.001.ds09>.

HILTNER, S. *Preface to Pastoral Theology*. Nashville: Abingdon Press, 1979.

JAHN, Gunnar. 1952. MLA style: Award ceremony speech. Nobel-Prize.org. Nobel Media AB 2018. Wed. 17 Oct 2018. <<https://www.nobelprize.org/prizes/peace/1952/ceremony-speech/>>

KENNY, Anthony. *Uma nova história da filosofia ocidental - Vol. I: Volume I - Filosofia antiga: 1*. São Paulo: Loyola, 2008.

RIBEIRO Jr., W.A. Aspectos reais e lendários da biografia de Hipócrates, o “pai da medicina”. *Jornal Brasileiro de História da Medicina*, v. 6, n. 1, p. 8-10, 2003.

LEMKE, Thomas. “Beyond Foucault: From Biopolitics to the Government of Life”. In: BRÖCKLING, U., KRASMANN, S., & LEMKE, T. (Eds.). *Governmentality: Current Issues and Future Challenges* (1st ed.). New York: Routledge, 2010.

Vol. 43, No. 4, THE PREPOSITIONAL SENSES OF JEAN-LUC NANCY (2) (2015), pp. 90-108 (19 pages) Published By: The Johns Hopkins University Press

TEIXEIRA, Faustino. *Orações da humanidade: Das tradições religiosas do mundo inteiro*. Petrópolis: Vozes, 2018.

TILLICH, P. *A coragem de ser*. São Paulo: Paz e Terra, 1970.

_____. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

_____. *The meaning of health: essays in existentialism, psychoanalysis, and religion*. Chicago: Exploration Press, 1984.

VALLE, Edênio. “Religião e espiritualidade: um olhar psicológico”, In: AMATUZZI, Mauro Martins (org.) *Psicologia e espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005